

*PENSANDO
O ESPAÇO
DO HOMEM*

MILTON SANTOS

o sistema de controle de qualidade de produtos

O sistema de controle de qualidade de produtos
é um conjunto de procedimentos e técnicas

O Presente como Espaço*

fevereiro de 1977

Ptolomeu → o que é o presente?
↳ o que é o passado?

J. Brunhes, um dos precursores da geografia moderna, consagrou uma seção inteira de seu clássico livro "aos novos fatos geográficos" (1942, 1956, p. 220). Mas o que vem a ser o novo? Ptolomeu, em sua *Geografia*, aconselhava-nos com razão a meditar no que representa o presente e no que representa o passado, bem como decidir o que é crível e aquilo que não o é** (Ptolomeu, *Geography*, apud Fischer et alii, pp. 24-25).¹

O passado, entretanto, pode ser definido mais facilmente. Quanto ao presente, antes se especula sobre ele.

Toulmin e Goodfield (1957, p. 18) afirmam que "o passado passou, e passou para sempre", enquanto para Morgenstern (... 1960, p. 40) "o passado está morto, só o presente é real". De que vale porém fazer tal afirmação para dizer em seguida, como Henri Fouillon: "Mas a atualidade me escapa. Que é então a atualidade?" (G. Kubler, 1973, p. 43).

Por que o que é?

* Conferência pública proferida por ocasião do 150º aniversário da Universidade de Toronto (3/2/1977).

** Consideramos pois necessário prestar maior atenção aos registros mais novos do nosso tempo, pesando, contudo, em nossa descrição esses novos registros e aqueles pertencentes ao passado, e decidindo o que é crível e aquilo que não o é.

lumo da complexidade de
desmistificar o que fazem
o espaço

Embora
o mundo
possa ser
analisado e
feito
um
novo
como se
fizesse um
Cristianismo agora a
fezer um novo fi

O passado passou, mais...

O atual é tanto mais difícil de apreender, nas fases em que a história se acelera, quanto nos arriscamos a confundir o real com aquilo que não o é mais. Felizmente, conforme escreveu Stephan Hales (1727, p. 318) a propósito das incertezas de um raciocínio sobre a natureza, "com um esforço encontramos as coisas que estão diante de nós". O que se acha diante de nós é o agora e o aqui, a atualidade em sua dupla dimensão espacial e temporal.

O passado passou, e só o presente é real, mas a atualidade do espaço tem isto de singular: ela é formada de momentos que foram, estando agora cristalizados como objetos geográficos atuais; essas formas-objetos, tempo passado, são igualmente tempo presente enquanto formas que abrigam uma essência, dada pelo fracionamento da sociedade total. Por isso, o momento passado está morto como "tempo", não porém como "espaço"; o momento passado já não é, nem voltará a ser, mas sua objetivação não equivale totalmente ao passado, uma vez que está sempre aqui e participa da vida atual como forma indispensável à realização social. "Todavia, estamos acostumados a pensar que o passado está morto, e que nada do passado pode ser também presente", escreveu Bertrand Russel (1948, 1966, p. 231).

é espaço-tempo

O Espaço como Presente

deixar os novos fundamentos do sistema.

Para apreender o presente, é imprescindível um esforço no sentido de voltar as costas, não ao passado, mas às categorias que ele nos legou. Conservar categorias envelhecidas equivale a erigir um dogma, um conceito. É, sendo histórico, todo conceito se esgota no tempo. Se quisermos apreender o "presente como história" de Lukács e Sweezy, devemos ver o passado como algo que encerra as raízes do presente, sob pena de nos perdermos num presente abstrato, irreal e impotente (Della Volpe, 1974, p. 292).²

Os fatos estão todos aí, objetivos e independentes de nós. Mas cabe a nós fazer com que se tornem fatos históricos, mediante a identificação das relações que os definem, seja pela observação de suas relações de causa e efeito, isto é, sua história, seja pela constatação da ordem segundo a qual eles se organizam para formar um sistema, um novo sistema temporal, ou melhor, um novo momento do modo de produção antigo, um modo de produção novo, ou a transição entre os dois. Sem relações não há "fatos". É por sua existência histórica, assim definida, no interior de

10

os fatos tornando-se um sistema

- Categorias do passado -
(dele)

O que é um sistema?

colocando no MC de

uma estrutura social que se reconhecem as categorias da realidade e as categorias de análise. Já não estaremos, então, correndo o risco de confundir o presente com aquilo que não mais o é.³

Figura 111

(1900) (1900) (1900) (1900)

O Período Técnico-Científico e a Universalização da Sociedade

Técnica

Técnica

Dentre as múltiplas denominações aplicadas ao nosso tempo, nenhuma é mais expressiva que a de período tecnológico. A técnica, esse intermediário entre a natureza e o homem desde os tempos mais inocentes da história, converteu-se no objeto de uma elaboração científica sofisticada que acabou por subverter as relações do homem com o meio, do homem com o homem, do homem com as coisas, bem como as relações das classes sociais entre si e as relações entre nações. A brutalidade das transformações ocorridas na totalidade do mundo, no curso dos últimos trinta anos, impede-nos de pensar que o passado, embora próximo, seja ainda dominante. Trata-se de uma fase inteiramente nova da história da humanidade.

Universalização

Ciência, pesquisa pura e aplicada, tecnologia e mass-media são, sem sombra de dúvida, os pilares do período tecnológico. Mas o grande veículo de sua afirmação histórica em todas as partes do mundo foram as empresas transnacionais. A mitologia da planificação abriu o caminho para elas. Só as empresas multinacionais poderiam objetivar as tendências imanentes do período e impor em toda parte essa forma de universalização perversa que caracteriza a vida mundial em nossos dias.

→

As empresas transnacionais, instrumentos de concentração e acumulação, respondem a um duplo objetivo: utilizar a mão-de-obra barata dos países subdesenvolvidos para produzir a baixo custo produtos de exportação, e elevar as taxas de lucros, que desceram a um nível bastante baixo nos países que integram o centro do sistema. Estes dois objetivos não poderiam ser atingidos sem uma mundialização da produção e do consumo, das trocas e do mercado, do capital sob todas as suas formas e do trabalho. O próprio Estado torna-se internacionalizado, não apenas por suas funções externas, mas também por suas funções internas, como a de assegurar as condições do crescimento econômico ao nível mundial.

Imp.

→

Já em meados dos anos 60, M. Dobb (1961, p. 144 in Tsuru) assinalava a tendência das firmas a uma acumulação interna, justificada pela necessidade de contrapor-se à rapidez da evolução tecnológica, utilizando-se esse financiamento interno como fonte de independência em

Ciclos

Kondratieff

mp
Σ Capital líquido

O estado torna-se internacionalizado
também para assegurar as condições
do cresc. econ. ao nível mundial

acumulação
interna p/ em te

NOT

relação aos mercados de capitais e aos bancos, com os quais passam desde então a relacionar-se de maneira diferente. Esse tipo de acumulação não seria possível sem a generalização do monopólio em escala mundial. Neste último nível, são ainda os progressos verificados na tecnologia da produção e do *management* que asseguram a coleta de *royalties*, a título de transferência de licenças e venda de serviços. Ao jogo contábil entre firmas irmãs, meio encontrado pelos monopólios para escapar à fiscalização, agrega-se a possibilidade de falsear ainda mais o jogo contábil, pelo fato do fornecimento de serviços permitir ao fornecedor monopolista a fixação unilateral e arbitrária do preço a pagar. O multiplicador tecnológico torna-se doravante uma fonte de acumulação muito mais significativa do que o multiplicador financeiro. Pode-se então falar de superexploração e de superacumulação.

O papel do consumo, à semelhança do terciário, não tem sido suficientemente considerado. P. Sweezy (1973, p. 1) observa que n' *O Capital* Marx não analisou nem discutiu o papel do impacto tecnológico sobre o consumo e, através deste, sobre a acumulação e o desenvolvimento social. A vinte anos do fim do século XIX, não podia Marx atribuir a essa variável o papel que ela assumiu com a revolução tecnológica e a rápida difusão das inovações.

Por outro lado, a acumulação já não é exclusivamente dependente da produção, visto como o consumo se transformou num instrumento tão importante, que ele próprio acarreta um processo de produção que se torna posteriormente autônomo.

A produção material, que no tempo de Marx era o elemento fundamental da análise, precisou dividir esse papel com os serviços. São muitos os que, a partir de uma leitura literal dos textos de Marx, ainda repetem que as atividades terciárias são improdutivas. Somente aos transportes dera Marx um papel fundamental no circuito econômico, como liame indispensável entre a produção e o consumo. Contudo, o que distingue as épocas históricas é justamente a mudança de papel, ou seja, de valor relativo, dos elementos de um sistema. Atualmente, graças ao papel maior da ciência e da tecnologia, as atividades terciárias converteram-se na fonte essencial de dominação e de acumulação. Sempre será lícito falar de seu papel parasitário, exercido de cima para baixo: do mundo desenvolvido para o mundo subdesenvolvido, das grandes nações para as pequenas, dos grandes monopólios para as pequenas firmas, de uma burguesia internacional ou internacionalizada para o resto da humanidade. Mas ser parasita não é sinônimo de improdutividade! É através das atividades de pesquisa, de engenharia e de gestão, dos intermediários financeiros, como os bancos, as companhias de seguro e as companhias de crédito, bem como o aparelho de turismo e as cartas de crédito, que a acumulação se exerce em

acumulação interna → Tecnologia
↓
Monopólios
o monopólio do serviço

as grandes firmas
investem

os mecanismos financeiros
permitem investir nos países de
baixo capital

escala mundial. Ademais, os mecanismos financeiros em vigor permitem às grandes firmas reinvestir na maioria dos países, sobretudo na periferia, sem necessitar sequer transferir capitais: estes são encontrados *in situ*, através da utilização da poupança compulsória das populações locais e do incentivo ao consumo. Existem, portanto, grandes massas de capital que permanecem livres nos países do centro e que estão prontas a participar de uma especulação cuja função não é unicamente econômica, mas financeira e mesmo política.

As companhias transnacionais aparecem então como parceiras a um tempo necessárias e ameaçadoras para os Estados, mesmo os mais poderosos.

As tendências à indivisibilidade do capital mostram-se mais profundas e atingem todas as esferas — as da produção e as da distribuição, incluindo-se a publicidade — criando novas necessidades de acumulação e, ao mesmo tempo, de circulação de capitais mais maciços.

Como a previsão, indispensável neste nível, aumenta a necessidade de liquidez, a procura do dinheiro líquido torna-se desenfreada, e os capitais empregados têm de sofrer uma rotação mais rápida para compensar a tendência à baixa das taxas de lucro. Como resultado, os capitais que circulam mais rapidamente proporcionam uma taxa de lucro mais elevada (caso dos serviços modernos) e atraem os capitais mais poderosos, ficando os outros relegados a outras atividades. O fracionamento do lucro aparece, pois, como uma necessidade orgânica do sistema. Trata-se de uma divisão do trabalho financeiro, que permite passar aos setores monopolistas, cuja existência é responsável por esse fracionamento, a mais-valia obtida nos outros setores. Mesmo as atividades populares com nível de capital muito baixo não escapam a isso.

Para os países subdesenvolvidos, o resultado é claro: produção sem relação com as necessidades reais; exportações e importações nocivas à economia nacional; superutilização dos recursos sociais em homens e em matérias-primas, em benefício das grandes firmas mundiais; subutilização da força de trabalho e dos recursos efetivamente indispensáveis à sobrevivência. No plano do Estado, endividamento crescente, distorção na destinação dos recursos, proteção, tornada indispensável, às atividades que sustentam o "crescimento" e o comércio exterior, com o conseqüente empobrecimento do Estado. No plano social, agravamento do não-emprego, da pobreza, das condições de *habitat*, educação, saúde e alimentação. Empobrecimento relativo e absoluto.

A economia moderna mundializada, suas repercussões na economia de cada país, as relações que desde então se estabelecem entre influências externas cada vez mais deformantes e uma estrutura interna cada vez mais deformada, tudo isso engendra um modelo de utilização

a própria
velocidade
circulação
capital
factor relat
necessidade de
liquidez, p
capital circ
o maior v
deixa o seu
deixa uma p
Também em
crescimento do taxa
de lucro de cada na
os capitais + p

MP

As grandes firmas
investem
os países de
baixo capital



dos recursos naturais, uma estrutura da produção, uma estrutura do consumo e uma estrutura de classes cujos resultados relativamente ao homem e ao espaço são específicos deste período da história, ainda que freqüentemente isto represente um agravamento e uma ampliação das tendências já delineadas desde o fim do século XIX.

Os mecanismos de dominação são agora mais sistematicamente elaborados. Para fazer sua entrada, o modo de produção tecnológico pode simplesmente utilizar-se da ideologia do consumo mediatizado pelo comércio, mesmo que não haja produção local correspondente. Foi por isso que Grisoni e Maggiori escreveram (1975, p. 896): "Mede-se o valor da ideologia pela sua influência histórica nas massas, mas também por seu *potencial instrumental*, por sua *energia reativa*, enfim, por sua *capacidade de tornar-se força material*".

Nos países subdesenvolvidos, a ideologia precede o modo de produção. Ela não é um reflexo ou um espelho, uma superestrutura, ou seja, um resultado da produção. É, sim, o instrumento de penetração dos modos de produção novos, uma causa. A ideologia do crescimento, ao nível da nação e do Estado, e a ideologia do consumo, ao nível dos indivíduos, são o motor da introdução de novas formas de produção.

Vivemos numa época em que o *superestrutural* se adianta ao estrutural, não somente para preparar o seu advento como também para determinar-lhe os contornos. Os papéis do Estado e da ideologia, ao nível nacional e principalmente ao nível internacional, são fundamentais para a definição da totalidade do aparelho produtor, depois da produção propriamente dita, até aqui chamada consumo. No passado, a ideologia era uma *emanação* direta de cada formação econômica e social. Hoje, tal relação rompeu-se, inverteu-se, porque o econômico foi totalmente mundializado e porque já não existe uma defasagem entre produção e emissão de uma ideologia elaborada alhures, nem tampouco sua recepção e consumo no mesmo lugar.⁵ Atingimos assim uma fase histórica em que as transformações econômicas podem ser obtidas, a princípio, a partir de manipulações ideológicas, antes mesmo que uma presença mais maciça do capital de produção ou do capital comercial seja necessária.

Superestrutural inclui a cultura
e tem o papel social, através do Estado